

SEMANA

39

# 1

## Dia

Lucas 16.19-31

---

### A Parábola do Rico e Lázaro

Esta parábola é singular nas Escrituras. É a única passagem da Bíblia que descreve a experiência do incrédulo após a morte. Por essa razão, assim como as demais, a parábola merece atenção especial.

Aprendemos que a condição de um homem neste mundo não é uma prova de seu estado aos olhos de Deus. O Senhor Jesus nos descreveu dois homens. Um deles era muito rico; o outro, muito pobre. O rico, *“todos os dias, se regalava esplendidamente”*. O pobre era um *“mendigo”* que não tinha qualquer possessão. No entanto, o pobre possuía a graça de Deus, já o rico, não. O pobre vivia pela fé e andava nas pisadas de Abraão. O rico era descuidado, egoísta, mundano e estava morto em ofensas e pecados.

Nunca aceitemos a ideia de que os homens devem ser avaliados de acordo com sua situação financeira e de que aquela pessoa que possui mais dinheiro deve receber a mais elevada consideração. Não existe na Bíblia qualquer fundamento para essa ideia. O ensino geral das Escrituras claramente se opõe. *“Não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento”* (1 Coríntios 1.26). *“Não se glorie (...) o rico nas suas riquezas; mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me conhecer e saber que eu sou o SENHOR”* (Jeremias 9.23-24). Riqueza não é uma indicação do favor de Deus, assim como a pobreza não é uma evidência de seu desprazer. Aqueles que Ele justifica e glorifica raramente possuem riquezas neste mundo. Se desejamos avaliar os homens da mesma maneira como Deus os avalia, temos de fazê-lo de acordo com a graça que eles possuem.

Também somos ensinados que a morte é o fim que virá a todas as classes de pessoas. As privações do *“mendigo”* e a suntuosa abundância do *“rico”* por fim terminaram de modo igual. Chegou o momento em que ambos morreram. *“Todos vão para o mesmo lugar”* (Eclesiastes 3.20). A morte é um grande fato que todos reconhecem, mas poucos parecem compreendê-la. Muitos vivem comendo, bebendo, dando-se em casamento, divertindo-se e fazendo planos como se fossem permanecer para sempre na terra. O verdadeiro crente deve ficar alerta contra esse espírito. *“Aquele que deseja viver bem”*, disse um grande teólogo, *“deveria sempre pensar sobre o último dia de sua vida e ter esse pensamento sempre consigo”*. Contra a murmuração, o descontentamento e a inveja, na condição de pobreza; contra o orgulho, a autossuficiência e a arrogância, na condição de riqueza, existem poucos antídotos melhores do que a lembrança da morte. Morreu *“o mendigo”* e findaram-se todas as suas necessidades físicas. *“Morreu também o rico”* e todos os seus deleites acabaram para sempre.

O texto nos ensina que as almas dos crentes desfrutaram do cuidado especial de Deus na hora da morte. O Senhor Jesus nos contou que, depois de morto, o mendigo foi *“levado pelos anjos para o seio de Abraão”*. É uma afirmativa repleta de consolação. Sabemos muito pouco ou nada a respeito do estado e dos sentimentos dos mortos. Quando chegar a nossa última

hora e morreremos, seremos semelhantes a pessoas que viajam para uma terra desconhecida. No entanto, saber que todos os que morrem em Cristo estão bem guardados é algo que deve nos satisfazer. Não estão desprovidos de um lugar e vagueando errantes entre a hora de sua morte e o dia de sua ressurreição. Encontram-se entre amigos, entre todos os que possuíam fé semelhante à de Abraão. Nada lhes falta; e, o melhor de tudo, o apóstolo Paulo nos informa, eles estão *“com Cristo”* (Filipenses 1.23).

Esta parábola fala da realidade e eternidade do inferno. O Senhor Jesus nos mostrou com clareza que, depois de morto, o rico estava *“no inferno”* atormentado em chamas. Ele nos apresentou a terrível figura do intenso desejo do rico por água para refrescar a sua língua, como também a horrível figura do *“abismo”* existente entre o rico e Abraão, um abismo que não poderia ser ultrapassado. Em toda a Bíblia, existem poucas passagens tão apavorantes quanto essa. E Aquele que proferiu essas palavras, não esqueçamos, é rico em misericórdia!

A certeza e a eternidade do castigo vindouro dos ímpios são verdades que temos de sustentar e nunca abandonar. Desde o dia em que Satanás disse a Eva: *“É certo que não morrereis”*, nunca faltou homens que negassem a verdade de Deus. Não sejamos enganados. Existe o inferno para aqueles que não se arrependem, bem como o céu para os crentes. Existe uma ira vindoura para *“os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus”* (2 Tessalonicenses 1.8). Dessa ira precisamos fugir a tempo, escondendo-nos naquele grande lugar de refúgio, o Senhor Jesus Cristo. Se, após a morte, os homens estiverem em tormentos no inferno, isto acontece não porque não havia uma maneira de escapar.

Infelizmente somos informados que os incrédulos descobrem o valor de uma alma depois da morte, quando já é tarde demais. O homem rico desejava que Lázaro fosse enviado aos seus cinco irmãos que estavam vivos, *“a fim de não virem também para este lugar de tormento”*. Enquanto vivera, o rico não fizera qualquer coisa tendo em vista o bem espiritual deles. Provavelmente, seus irmãos o acompanharam em seu mundanismo e, assim como ele, negligenciavam completamente suas almas. Quando morreu, o rico descobriu tarde demais a tolice da qual todos eram culpados e desejou que, se possível, fossem exortados ao arrependimento.

A mudança que ocorrera na mente dos não convertidos após a morte é um dos aspectos mais terríveis da futura condição deles. Eles perceberão, saberão e entenderão muitas coisas para as quais se mostraram obstinadamente cegos, enquanto estavam vivos. Eles descobrirão que, assim como Esaú, trocaram a felicidade eterna por um simples prato de lentilhas. Após a morte física, não existe mais incredulidade, ceticismo ou infidelidade para com Deus. Um antigo teólogo afirmou com sabedoria: *“O inferno não é nada mais do que a verdade conhecida tarde demais”*.

Por último, aprendemos que os grandes milagres não têm qualquer efeito nos corações dos homens, se não creem na Palavra de Deus. O rico imaginava que, *“se alguém dentre os mortos”* fosse *“ter com”* seus irmãos, eles haveriam de arrepender-se. Argumentou que a contemplação de alguém vindo de outro mundo certamente os comoveria, embora as palavras familiares de Moisés e dos profetas tivessem sido ouvidas em vão. A resposta de Abraão é solene e instrutiva: *“Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos”*.

O princípio estabelecido aqui é profundamente importante. As Escrituras contêm tudo que precisamos saber para sermos salvos e um mensageiro vindo do mundo além não acrescentaria nada aos seus ensinamentos. Não é mais revelação que é necessária para levar as pessoas ao arrependimento e, sim, mais disposição íntima e vontade de utilizar o que elas já sabem das Escrituras. Os mortos, se ressuscitassem para nos instruir, não poderiam nos dizer nada que a Bíblia não tem dito. Logo após desvanecer-se a novidade de seu testemunho, não mais nos interessaríamos por suas palavras, assim como não nos interessaríamos pela palavra de qualquer outra pessoa. O desejo ímpio por alguma coisa que não temos e a negligência por aquilo que temos é a ruína de milhões de almas. A fé simples nas Escrituras, que já possuímos, é a primeira coisa necessária à salvação. O homem que possui a Bíblia pode lê-la, mas se, apesar disso, espera receber mais evidências para se tornar um crente resolutivo, esse homem está enganando a si mesmo. A menos que desperte dessa ilusão, morrerá em seus pecados.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 2

## Dia

### O Pecado de Causar Escândalos; O Dever de Perdoar

Lucas 17.1-4

---

Inicialmente, estes versículos nos ensinam a grande pecaminosidade de colocar tropeços no caminho da alma de outros homens. O Senhor Jesus disse: *“É inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual eles vêm! Melhor fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e fosse atirado no mar, do que fazer tropeçar a um destes pequeninos”*.

Quando os homens fazem os outros tropeçarem? Quando eles fazem surgir “escândalos”? Sem dúvida, eles o fazem quando perseguem os crentes ou esforçam-se para impedi-los de servir a Cristo. Mas isso infelizmente não é tudo. Há os que professam ser crentes, mas fazem outros tropeçarem sempre que trazem descrédito ao seu cristianismo, por meio de sua inconsistência em palavras, temperamento e conduta. Nós o fazemos sempre que tornamos nosso cristianismo desagradável aos olhos do mundo, por nos comportarmos não de acordo com aquilo que professamos ser. O mundo talvez não entenda as doutrinas e os princípios dos crentes, mas está de olhos atentos àquilo que eles praticam.

O pecado contra o qual nosso Senhor nos advertiu foi o mesmo cometido por Davi. Quando ele transgrediu o sétimo mandamento e tomou a mulher de Urias para ser sua esposa, o profeta Natã lhe disse: *“Com isto deste motivo a que blasfemassem os inimigos do SENHOR”* (2 Samuel 12.14). Foi o pecado do qual o apóstolo Paulo acusou os judeus de Roma, quando escreveu: *“O nome de Deus é blasfemado entre os gentios por vossa causa”* (Romanos 2.24). Esse é o pecado sobre o qual devemos frequentemente advertir os crentes a se acautelarem – *“Não vos torneis causa de tropeço nem para judeus, nem para gentios, nem tampouco para a igreja de Deus”* (1 Coríntios 10.32).

Este assunto é profundamente perscrutador. O pecado que o Senhor Jesus nos apresenta aqui é muito comum. A incoerência de muitos crentes frequentemente fornece aos incrédulos uma desculpa para negligenciarem completamente o cristianismo. Um crente que não vive de acordo com aquilo que professa ser está a cada dia, quer saiba, quer não, causando danos a muitas almas. Sua vida é uma injúria ao evangelho de Cristo.

Perguntemos a nós mesmos se estamos fazendo o bem ou causando danos ao mundo. Se realmente somos crentes, não podemos viver para nós mesmos. Os olhos de muitos estarão sempre nos observando. Os homens julgam por aquilo que veem, mais do que por aquilo que ouvem. Se veem o crente contradizer, por meio de sua prática, aquilo que afirma crer, estão juntamente sendo ofendidos e obstruídos. Por amor ao mundo, e a nós mesmos, labutemos para que sejamos eminentemente santos. Esforcemo-nos para tornar nosso cristianismo atraente aos olhos dos homens e para adornar a doutrina de Cristo em tudo o que fazemos. Todos os dias devemos nos empenhar para nos desembaraçar de todo o peso e do pecado que tenazmente nos assedia e para vivermos de tal modo que os homens não acharão erro em nós, exceto em referência à lei de nosso Deus. Vigiem com zelo nosso temperamento, nossa

língua e a realização de nossos deveres sociais. Qualquer coisa é melhor do que causar dano às almas. A cruz de Cristo sempre trará injúria. Cuidemos para não aumentar a injúria, por causa de descuido em nossa vida diária. Não podemos esperar que o homem natural ame o evangelho. Porém não devemos causar-lhe aversão por meio de nossa incoerência.

Estes versículos também nos ensinam a grande importância de um espírito perdoador. O Senhor Jesus disse: *“Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe. Se, por sete vezes no dia, pecar contra ti e, sete vezes, vier ter contigo, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe”*.

Existem poucos deveres cristãos sobre os quais o Novo Testamento fala tão frequente e severamente quanto o dever de perdoar ofensas. Ocupa um lugar proeminente na oração do Pai Nosso. A única confissão que fazemos em toda a oração é a de que *“perdoamos a todo o que”* transgredir contra nós. Esse é um teste para verificarmos se nós mesmos fomos perdoados. Aquele que não pode perdoar ao seu próximo algumas pequenas ofensas cometidas contra ele, pode não conhecer por experiência pessoal o perdão gratuito e completo que Cristo nos oferece (Mateus 18.35; Efésios 4.32). Essa também é uma evidência da habitação do Espírito no coração de uma pessoa. A presença do Espírito no coração sempre será reconhecida pelos frutos que Ele produz na vida do crente. Esses frutos são ativos e também passivos. Aquele que não aprendeu a suportar, a tolerar e deixar passar muitas coisas não é nascido do Espírito (1 João 3.14; Mateus 5.44-45).

A doutrina aqui estabelecida por nosso Senhor é profundamente humilhante. Ela nos mostra com muita clareza a ampla diferença que existe entre os caminhos do mundo e os caminhos do evangelho de Cristo. Quem não reconhece que o orgulho, a insolência, a disposição para vingar ofensas e a implacável determinação de jamais perdoar e jamais esquecer são coisas muito comuns entre homens e mulheres batizados no cristianismo? Há milhares de pessoas que participam da Ceia do Senhor e professam amar o evangelho e que, de repente, explodem diante daquilo que demonstra a menor aparência de ser o que eles chamam *“conduta ofensiva”* e brigam por causa das mais banais vulgaridades. Muitos estão constantemente discutindo com todos à sua volta, sempre reclamando quão errado é o comportamento das outras pessoas e esquecendo que sua disposição para contender é uma fagulha que pode causar um incêndio. Uma observação geral se aplica a todas essas pessoas. Estão tornando miseráveis suas próprias vidas e mostrando quão despreparados se encontram para o reino de Deus. Um espírito não perdoador, inclinado a contendar, é a mais segura evidência de um coração não regenerado. O que dizem as Escrituras? *“Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendar, não é assim que sois carnis e andais segundo o homem?”* (1 Coríntios 3.3; 1 João 3.18-20; 4.20).

Finalizemos nossas considerações examinando com cuidado a nós mesmos. Poucos textos bíblicos devem humilhar tanto os crentes e fazê-los sentir tão profundamente a necessidade do sangue expiatório e da mediação de Cristo. Quão frequentemente temos ofendido e levado os outros a tropeçarem. Temos permitido com regularidade que pensamentos grosseiros, irados e vingativos se aninhem sem perturbação em nosso íntimo. Essas coisas não deveriam acontecer. Quanto mais atentarmos às lições práticas aprendidas

aqui, tanto mais recomendaremos nosso cristianismo aos outros e mais intensa paz desfrutaremos em nossa alma.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 3

## Dia

Lucas 17.5-10

### A Importância da Fé

Observamos aqui um importante pedido dos apóstolos. Eles disseram ao Senhor Jesus: *“Aumenta-nos a fé”*. Não sabemos os sentimentos íntimos que produziram o pedido deles. Talvez o coração dos apóstolos tenha desanimado, ao ouvir dos lábios de nosso Senhor ensinamentos árduos, um após o outro. Talvez eles pensassem: *“Quem é suficiente para essas coisas? Quem pode entender doutrinas tão difíceis e seguir tão elevado padrão de conduta?”*. São apenas hipóteses, entretanto, uma coisa é certa e evidente: o pedido dos apóstolos era profundamente importante – *“Aumenta-nos a fé”*.

A fé é a raiz do cristianismo que salva. *“Sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam”* (Hebreus 11.6). Ela é a mão por meio da qual a alma se agarra e se une a Jesus Cristo, tornando-se salva. É o segredo de todo o conforto e crescimento espiritual do crente. A paz, a esperança, o vigor, a coragem, a vitória sobre o mundo e a determinação de um crente serão proporcionais à sua fé. Ao apresentarem a Jesus esse pedido a respeito da fé, os apóstolos o fizeram com sabedoria.

A fé é uma virtude que admite graus. Ela não atinge o pleno vigor e perfeição imediatamente após ser plantada no coração por intermédio do Espírito Santo. Existe a pequena e a grande fé, a fé vigorosa e a frágil. A Bíblia nos fala sobre todas elas. Todas serão vistas nas experiências do povo de Deus. Quanto mais fé um crente possuir, tanto mais feliz, santo e útil ele será. Promover o crescimento e o progresso da fé deve ser a oração diária e o empenho de todos os que amam a vida. Os apóstolos fizeram bem ao pedir: *“Aumenta-nos a fé”*.

Realmente temos fé? Acima de tudo, temos aqui um importante questionamento que pode ser suscitado em nosso coração. A fé salvadora não é apenas a simples repetição de um credo, dizendo: *“Eu creio em Deus, o Pai (...) em Deus, o Filho (...) e em Deus, o Espírito Santo”*. Milhares de pessoas estão utilizando essas palavras regularmente, mas não conhecem a verdadeira fé. Neste sentido, as palavras do apóstolo Paulo são solenes: *“A fé não é de todos”* (2 Tessalonicenses 3.2). A fé verdadeira não é algo natural ao homem; ela vem do céu; é um dom de Deus.

Se possuímos uma pequena fé, oremos para que a tenhamos em mais intensidade. Viver na dependência de uma antiga medida de fé e não ter fome e sede de crescer na graça é um péssimo sinal do estado espiritual de uma pessoa. Em nossas devoções diárias, oremos para que tenhamos mais fé e desejemos sinceramente os melhores dons. Não devemos desprezar *“o dia dos humildes começos”* (Zacarias 4.10) na alma de nosso irmão, mas não podemos nos contentar com tão pouco em nossa própria alma.

Também devemos observar nestes versículos o poderoso golpe que nosso Senhor deu na justiça própria. Ele declarou aos seus apóstolos: *“Depois de haverdes feito quanto vos foi*



*ordenado, disse: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer". Naturalmente, todos nós somos orgulhosos e cheios de justiça própria.*

Pensamos de maneira elevada a respeito de nós mesmos, de nossos merecimentos e de nosso caráter, mais do que realmente temos o direito de fazê-lo. Esta é uma doença sutil que se manifesta de muitas maneiras diferentes. Muitos podem detectá-la nas outras pessoas; poucos admitirão sua presença em si mesmos. Dificilmente encontramos uma pessoa que, embora seja bastante ímpia, não bajule secretamente a si mesma, dizendo que existem pessoas piores do que ela mesma. Raramente encontraremos um crente que, em algumas ocasiões, não será tentado a se contentar e a se sentir satisfeito consigo mesmo. Existe um tipo de orgulho que veste a capa da humildade. Não existe um coração sobre a terra que não contenha um pequeno aspecto do caráter dos fariseus.

Abandonar a justiça própria é absolutamente necessário para a salvação. Aquele que deseja ser salvo deve confessar que em si mesmo não existe qualquer coisa boa, que não possui nenhum mérito, nenhuma bondade, nenhuma dignidade própria. Precisa estar disposto a renunciar sua justiça pessoal e confiar na justiça de outro, o próprio Senhor Jesus Cristo. Tendo sido perdoados, temos de seguir a jornada diária da vida sob a profunda convicção de que somos *"servos inúteis"*. No melhor de nós mesmos, cumprimos apenas as nossas obrigações e nada temos de que nos gloriar. E, mesmo quando as cumprimos, isso não acontece devido à nossa própria força e capacidade, mas pelo poder que Deus nos outorga. Não temos qualquer reivindicação diante de Deus ou dignidade alguma para merecer coisas da parte dele. Tudo que temos, nós o recebemos; tudo que somos devemos à soberana e eminente graça de Deus.

Qual é a verdadeira causa da justiça própria? Como podemos explicar que uma criatura frágil, desamparada e caída como o homem pode sonhar que merece qualquer coisa de Deus? A justiça própria resulta da ignorância. Os olhos de nosso entendimento espiritual estão naturalmente cegos. Não conseguimos ver a nós mesmos, nem a nossa vida, nem a Deus e sua lei como deveríamos. Quando a luz da graça divina resplandece no coração de uma pessoa, o reino da justiça própria termina. As raízes do orgulho podem ainda permanecer e produzir frutos amargos. Mas o poder do orgulho é quebrado quando o Espírito Santo adentra o coração de uma pessoa e lhe revela seu próprio eu e a Deus. O verdadeiro crente nunca confiará em sua própria bondade. Ele dirá, assim como o apóstolo Paulo: *"Sou o principal"* dos pecadores (1 Timóteo 1.15); *"Longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo"* (Gálatas 6.14).

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 4

## Dia

Lucas 17.11-19

### Os Dez Leprosos

Podemos clamar por ajuda, quando dela sentimos necessidade. Lemos que, ao entrar Jesus “*numa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez leprosos*”. É quase impossível imaginar uma situação mais infeliz do que a desses homens afligidos por lepra. Eles estavam separados da sociedade e privados de toda a comunhão com seus amigos. A descrição feita parece indicar que eles são bastante sensíveis à sua miséria. Eles “*ficaram de longe*”, mas não permaneceram quietos, sem fazer alguma coisa; pelo contrário, “*gritaram, dizendo: Jesus, Mestre, compadece-te de nós!*” Os leprosos sentiram profundamente o deplorável estado de seus corpos. Encontraram palavras para expressar seus sentimentos. Clamaram com ardor, suplicando alívio, quando surgiu-lhes uma oportunidade.

A conduta dos dez leprosos é muito instrutiva. Esclarece um assunto importante em referência à vida prática do crente, um assunto que jamais entenderemos bem - a oração. Como podemos explicar que muitos não oram de maneira alguma? E que muitos se contentam em repetir fórmulas de oração, mas nunca oram com todo o seu coração? O que podemos dizer sobre homens e mulheres que estão às portas da morte, cujas almas podem se perder ou serem salvas, e que sabem tão pouco da oração genuína, sistemática e de coração? Resta-nos uma resposta curta e simples. A maior parte da humanidade não possui qualquer senso de pecado. Não percebem sua enfermidade espiritual. Não estão cômnicos de que estão perdidos, são culpados e encontram-se no ponto de caírem no abismo do inferno. Quando um homem descobre a enfermidade de sua alma, logo aprende a orar. Assim como os leprosos, acha palavras para expressar sua necessidade e pedir socorro.

Ainda, como é possível que muitos crentes verdadeiros frequentemente orem com tanta frieza? Por que suas orações são fracas, indiferentes e sem objetivo? A resposta é evidente. Eles não reconhecem sua necessidade diante de Deus. Não se encontram realmente despertados em referência à sua própria fraqueza e desamparo, portanto, não clamam com fervor, suplicando graça e misericórdia. Recordemos sempre essas coisas. Procuremos ter um constante e permanente senso de nossas verdadeiras necessidades. Se os crentes pudessem apenas perceber a situação de suas almas, assim como os dez leprosos perceberam a condição de seus corpos, orariam com mais excelência do que o fazem.

Devemos observar nestes versículos que a ajuda encontra os homens no caminho da obediência. Somos informados que, quando os leprosos clamaram a nosso Senhor, Ele apenas respondeu: “*Ide e mostrai-vos aos sacerdotes*”. Jesus não os tocou nem ordenou que a lepra se retirasse deles. Não prescreveu qualquer remédio, qualquer ritual de purificação, nem a utilização de quaisquer recursos materiais. No entanto, o poder de cura acompanhou as palavras que Jesus pronunciou. O alívio da enfermidade ocorreu logo que os leprosos obedeceram a ordem de nosso Senhor – “*Aconteceu que, indo eles, foram purificados*”.

Sem dúvida, são acontecimentos que foram registrados para nos outorgar conhecimento. Nos mostram a sabedoria da obediência singela e irrestrita a todas as palavras vindas dos lábios de nosso Senhor. Não convém que fiquemos parados, argumentando e duvidando, quando as ordens de nosso Mestre são evidentes e inconfundíveis. Se os leprosos tivessem agido dessa maneira, jamais teriam sido curados. Temos de ler as Escrituras com diligência. Precisamos orar e participar dos meios de graça. São deveres que Cristo exige de nós e que, se amamos nossas vidas, devemos obedecer, sem fazer perguntas vãs ou capciosas. É somente no caminho da obediência resoluta que Cristo nos encontra e abençoa. *“Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina”* (João 7.17).

Por último, devemos observar nestes versículos que a gratidão é uma coisa rara. Dos leprosos que nosso Senhor curou, apenas um voltou para lhe agradecer. São solenes as palavras que nosso Senhor pronunciou na ocasião: *“Não eram dez os que foram curados? Onde estão os nove?”* Para nós, é uma lição humilhante, perscrutadora e muito profunda.

Os melhores de nós são semelhantes aos nove leprosos. Somos mais dispostos a orar do que a adorar e mais propensos a pedir a Deus aquilo que não temos do que a agradecer-lhe pelo que temos. Queixas, lamentações e descontentamento são abundantes entre nós. Sempre acharemos pessoas que estão continuamente ocultando as misericórdias recebidas *“debaixo do alqueire”* e revelando suas provações e necessidades *“sobre um monte”*. É triste termos de confessar coisas assim, mas elas são verdadeiras e comprovadas por todos os que conhecem a igreja e o mundo. A excessiva ingratidão dos crentes é a desgraça de nossa época. É uma prova indiscutível de nossa pouca humildade.

Oremos para que diariamente tenhamos um espírito de gratidão. É o espírito que Deus ama e deleita-se em conceder; é o espírito que tem caracterizado todos os brilhantes servos de Deus em todas as épocas de existência da igreja. Davi e Paulo eram homens eminentemente agradecidos. M'Cheyne, Bickersteth e Haldane Stewart estavam sempre repletos de louvores. O espírito de gratidão é a própria atmosfera dos céus. Os anjos e os espíritos dos justos aperfeiçoados estão sempre bendizendo a Deus. Tal comportamento é a fonte de felicidade na terra. Se desejamos não andar ansiosos por coisa alguma, temos não somente de fazer conhecidas as nossas petições diante de Deus, pela oração e pela súplica, mas também com ações de graças (Filipenses 4.6).

Acima de tudo, supliquemos um senso mais profundo de nossa própria pecaminosidade, culpa e falta de merecimento. Eis o verdadeiro segredo de um espírito de gratidão: aquele que diariamente percebe sua dívida para com a graça divina - e lembra que, na realidade, não merece nada, exceto o inferno - todos os dias estará bendizendo e adorando a Deus. A gratidão é uma flor que nunca vicejará de qualquer outro caule, exceto da raiz da profunda humildade.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 5

## Dia

### O Reino de Deus Não Vem com Aparência Visível

Lucas 17.20-25

---

Esta passagem nos ensina que o reino de Deus é completamente diferente dos reinos deste mundo. O Senhor Jesus disse aos fariseus: *“Não vem o reino de Deus com visível aparência”*. Ele afirmava que a aproximação e a presença do reino de Deus não seria caracterizada por sinais visíveis de dignidade. Aqueles que esperavam contemplar um reino com esses sinais ficariam desapontados. Estariam esperando em vão, enquanto o verdadeiro reino estaria no meio deles, sem que o soubessem. O Senhor Jesus também afirmou: *“O reino de Deus está dentro de vós”*.

A expressão de nosso Senhor descreve com exatidão o início de seu reino espiritual. Começou em uma manjedoura, em Belém, sem o conhecimento dos grandes, dos ricos e dos sábios. Apareceu de repente no templo em Jerusalém e somente Ana e Simeão reconheceram seu Rei. Trinta anos depois foi recebido somente por um pequeno grupo de pescadores e publicanos, na Galiléia. Os principais sacerdotes e fariseus não puderam vê-lo. O Rei veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. Durante muito tempo os judeus confessavam estar aguardando o reino, porém olhavam na direção errada. Não tinham qualquer garantia para os sinais que estavam aguardando. O reino de Deus estava no meio deles. Apesar disso, não o puderam ver.

O reino que um dia Cristo há de estabelecer deverá iniciar-se, em vários aspectos, de maneira semelhante ao seu reino espiritual. Não será acompanhado por sinais e manifestações visíveis, que muitos aguardam contemplar. Não será precedido por um período de paz universal e santidade. Não será anunciado à igreja por meio de avisos inconfundíveis de que todos estarão prontos e preparados para a manifestação do reino. Virá inesperada e subitamente, sem qualquer aviso à imensa maioria dos homens. Simeões e Anas serão escassos nos últimos dias, assim como o foram no início do evangelho. Muitos serão despertados, um dia, como pessoas que estavam dormindo, e descobrirão para sua surpresa e desânimo que o reino de Deus realmente chegou.

Faremos bem se guardarmos essas verdades em nosso coração e nelas meditarmos. A grande maioria dos homens está completamente enganada a respeito do reino de Deus. Eles estão esperando sinais que nunca aparecerão. Estão aguardando indicações que nunca encontrarão. Estão sonhando com a conversão universal. Estão imaginando que os missionários, pregadores do evangelho e escolas evangélicas transformarão a face do mundo, antes que venha o fim. Acautelemo-nos de tais enganos. Não durmamos como os demais. O reino de Deus virá sobre os homens mais rápido do que muitos esperam. *“Não vem o reino de Deus com visível aparência.”*

Também aprendemos nesta passagem que a segunda vinda de Cristo será um acontecimento repentino. Nosso Senhor descreveu essa verdade por meio de uma figura

admirável. Ele disse: *“Assim como o relâmpago, fuzilando, brilha de uma à outra extremidade do céu, assim será, no seu dia, o Filho do homem”*.

A segunda vinda pessoal de Cristo é o sentido verdadeiro de suas palavras. Nada sabemos quanto ao dia e à hora exata desse acontecimento. Mas, quando tiver desse realizar, pelo menos uma coisa é evidente: virá súbita e instantaneamente à igreja e ao mundo, sem qualquer observação anterior. Todas as Escrituras indicam isto. Será *“à hora em que não cuidais”* (Mateus 24.44) e virá *“como ladrão de noite”* (1 Tessalonicenses 5.2).

O caráter súbito da segunda vinda de Cristo é um pensamento solene. Deveria nos levar a meditar sobre estarmos constantemente preparados para aquele dia. Nosso esforço e o desejo de nossa coração deveriam ser os de estarmos sempre prontos para encontrar nosso Senhor. O alvo de nossa vida deveria ser o não fazer ou dizer qualquer coisa que nos deixaria envergonhados, se Cristo aparecesse repentinamente. *“Bem-aventurado”*, disse o apóstolo João, *“aquele que vigia e guarda as suas vestes”* (Apocalipse 16.15). Aqueles que atacam a doutrina da segunda vinda de Cristo, reputando-a especulativa, ilusória e sem resultados práticos, fariam bem se reconsiderassem o fato de que ela não foi reputada desse modo nos dias dos apóstolos. Aos olhos deles, paciência, esperança, diligência, moderação e santidade pessoal estavam inseparavelmente unidas à expectativa da volta de Cristo. Feliz é o crente que aprendeu a pensar como os apóstolos! Estar sempre aguardando a manifestação de nosso Senhor é um dos melhores auxílios para uma comunhão mais íntima com Deus.

Por último, aprendemos nesta passagem que existem duas vindas pessoais de Cristo reveladas nas Escrituras. Foi designado por Deus que o Senhor Jesus, em sua primeira manifestação ao mundo, viesse em humildade e fraqueza, para sofrer e morrer. E igualmente foi designado que Ele venha, na segunda manifestação, em poder e grande glória, para sujeitar todos os inimigos debaixo de seus pés e reinar. Em sua primeira vinda, Ele deveria ser feito *“pecador por nós”* e levar sobre si o nosso pecado, na cruz (2 Coríntios 5.21). Em sua segunda vinda, Ele aparecerá sem pecado, para a completa salvação de seu povo (Hebreus 9.28). Sobre essas vindas nosso Senhor falou com clareza nesta ocasião. Ele se reportou à primeira vinda quando disse que *“o Filho do Homem teria de padecer muitas coisas”* e ser *“rejeitado”*; referiu-se à segunda vinda quando asseverou que *“assim como o relâmpago, fuzilando, brilha de uma à outra extremidade do céu, assim será, no seu dia, o Filho do homem”*.

Distinguir com clareza as duas vindas de Cristo é muito importante para termos um correto entendimento das Escrituras. Os discípulos e todos os judeus da época de Jesus parecem ter visto apenas uma vinda pessoal do Messias. Esperavam que Ele viesse para reinar e não para sofrer. De maneira semelhante, a grande maioria de cristãos professos parece ver apenas um advento de Cristo. Acreditam que Ele veio a primeira vez para sofrer. Mas parecem ser incapazes de entender que Cristo virá uma segunda vez para reinar. Ambos os grupos abraçaram a verdade, mas, infelizmente, nenhum deles abraçou a verdade completa. Ambos estão errados e o erro dos cristãos professos é apenas menor em importância do que o dos judeus.

Aquele que se esforça para ser um crente firme e bem instruído tem de conservar em mente, com determinação, os dois adventos de Cristo. Pontos de vistas claros sobre este assunto constituem um grande auxílio à leitura proveitosa da Bíblia. Sem eles, encontraremos

constantemente afirmações proféticas que não poderemos conciliar ou explicar com outras afirmações bíblicas. A vinda pessoal de Jesus, pela primeira vez, para sofrer, e sua segunda vinda, em pessoa, para reinar, são dois marcos que jamais podemos perder de vista. Agora nos encontramos entre os dois adventos. Devemos crer que ambos são verdadeiros e constituem a realidade dos fatos.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 6

## Dia

### Os Dias de Noé e os Dias de Ló

Lucas 17.26-37

---

O assunto apresentado nestes versículos manifesta peculiar solenidade. Os versículos se referem ao segundo advento de nosso Senhor Jesus Cristo. Um grande acontecimento e os eventos imediatamente relacionados a ele são descritos por nosso Senhor.

Primeiramente, devemos observar nestes versículos que terrível quadro nosso Senhor retrata sobre o estado da igreja professa na época de sua segunda vinda. Somos informados que, *“assim como foi nos dias de Noé”* e *“nos dias de Ló”*, *“assim será no dia em que o Filho do homem se manifestar”*. O caráter daqueles dias não foi deixado à nossa especulação. Somos ensinados com clareza que, em ambas as épocas, os homens estavam completamente absorvidos em comer, beber, casar, comprar, vender, plantar, edificar e não se importaram com mais nada. Por fim, veio o dilúvio nos dias de Nóe e destruiu a todos, exceto os que estavam na arca. O fogo caiu do céu, nos dias de Ló, e consumiu a todos, exceto Ló, sua esposa e filhas. E nosso Senhor declarou com muita clareza que coisas semelhantes a essas acontecerão quando Ele vier novamente no fim do mundo. *“Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição”* (1 Tessalonicenses 5.3).

É difícil imaginarmos uma passagem das Escrituras que aniquila de modo mais completo as ideias comuns que prevalecem entre os homens em referência à segunda vinda de Cristo. O mundo não será convertido quando o Senhor Jesus vier novamente. A terra não se encherá do conhecimento da glória do Senhor, o reino de paz não será estabelecido, e o milênio não será iniciado antes da volta de Cristo. Esses gloriosos acontecimentos se realizarão somente depois do segundo advento. Se as palavras realmente possuem significado, estes versículos nos mostram que, no dia da manifestação de Cristo, a terra estará repleta de impiedade e mundanismo. Serão muitos os incrédulos e os não convertidos. Os crentes e piedosos, assim como na época de Noé e nos dias de Ló, serão pouquíssimos.

Tenhamos cuidado conosco mesmo e acatelemo-nos do espírito do mundo. Não podemos agir como as outras pessoas, que vivem a comprar, vender, plantar, edificar, comer, beber e dar-se em casamento, como se tivéssemos nascido apenas para isso. Dedicção exclusiva a essas coisas nos arruinará tão completamente quanto o pecado notório. Devemos nos retirar do mundo e ser separados. Temos de, com ousadia, ser peculiares. Assim como Ló, precisamos escapar. Assim como Noé, temos de correr para a arca. Essa é a nossa única segurança. Somente, então, estaremos seguros no dia da ira do Senhor e evitaremos a destruição, quando o Filho do homem se manifestar (Sofonias 2.3).

Em segundo, devemos observar nestes versículos o aviso solene de nosso Senhor contra uma falsa confissão de segui-lo. Em imediata conexão com a descrição de seu segundo advento, Ele nos disse: *“Lembra-vos da mulher de Ló”*.

A mulher de Ló avançou bastante em sua confissão de ser crente. Era a esposa de um homem *“justo”*. Por meio de Ló, ela estava ligada a Abraão, o pai dos fiéis. Juntamente com

seu esposo, ela fugiu de Sodoma no dia em que ele escapou da destruição, por obedecer a ordem divina. No entanto, a mulher de Ló não era realmente como o seu marido. Deixara seu coração em Sodoma. Voluntariamente desobedeceu a única exortação que o anjo colocara sobre ela; olhou para trás, em direção àquela cidade, e foi imediatamente morta. Foi transformada em uma estátua de sal e pereceu em seus pecados. Nosso Senhor disse: *“Lembrai-vos da mulher de Ló”*.

A mulher de Ló foi deixada como um sinal e uma advertência para todos aqueles que professam ser crentes. Devemos temer que muitos serão encontrados na mesma situação da mulher de Ló, no dia da segunda vinda de Cristo. Existem muitos crentes professos, em nossa época, que avançam bastante em sua religiosidade. Conformam-se aos padrões externos de pais e amigos crentes. Falam a linguagem do povo de Deus e obedecem as ordenanças do cristianismo, mas durante todo esse tempo suas almas não estão em retidão diante de Deus. O mundo está em seus corações e estes, no mundo. Mais tarde, no Dia do Juízo, sua falsidade será exposta a todos. O cristianismo dessas pessoas será demonstrado como algo completamente podre. Existem muitos casos semelhantes ao da mulher de Ló.

Lembremos da mulher de Ló e resolvamos ser verdadeiros em nosso cristianismo. Não professemos servir a Cristo apenas para agradar esposas, maridos, pastores ou qualquer outra pessoa. Uma aceitação do cristianismo fundamentada nesse sentimento nunca salvará nossa alma. Sirvamos a Cristo motivados por amor a Ele mesmo. Jamais descansemos até que tenhamos a genuína graça de Deus em nosso coração e não tenhamos desejo de olhar para trás, para o mundo.

Por último, devemos observar nestes versículos que terrível separação ocorrerá entre aqueles que confessam pertencer à igreja de Cristo, quando Ele vier. Nosso Senhor descreveu essa separação por meio de uma figura notável. Ele disse: *“Naquela noite, dois estarão numa cama; um será tomado, e deixado o outro; duas mulheres estarão juntas moendo; uma será tomada, e deixada a outra”*.

Existe aqui um significado simples e claro. O dia do segundo advento de Cristo será o dia em que bons e maus, convertidos e não convertidos serão divididos em dois grupos distintos. A igreja visível não mais será um corpo repleto de misturas. O trigo e o joio nunca mais crescerão lado a lado. Os peixes bons e os ruins serão, finalmente, separados em dois grupos. Os anjos sairão e reunirão os justos, a fim de que sejam recompensados, e deixarão para trás os ímpios, para que sejam punidos. *“Convertido ou não convertido”* será o único critério do julgamento. Não importará se trabalharam, dormiram ou viveram juntos por muitos anos. Deus os julgará de acordo com sua fé. Os membros de uma família que amaram a Cristo serão levados ao céu; aqueles que amaram o mundo serão lançados no inferno. Convertidos e não convertidos serão separados para sempre, quando Jesus retomar.

Guardemos essas verdades em nosso coração. Se amamos nossos parentes e amigos temos obrigação especial de pensar sobre eles. Se eles são verdadeiros servos de Cristo, precisamos saber que temos de lançar nossa sorte juntamente com eles, se não desejamos um dia ficar separados deles, para sempre. Se eles ainda estão mortos em seus delitos e pecados,



precisamos saber que temos de trabalhar e orar por sua conversão, para que mais tarde não sejamos separados deles, por toda a eternidade. A vida presente é o único tempo que dispomos para esse trabalho; ela está se passando rapidamente. Partida e separação da família, por meio da morte física, sempre é algo doloroso. Mas todas as separações que estamos observando no momento não serão nada, se comparadas àquela que ocorrerá na segunda vinda de Cristo.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 7

## Dia

Lucas 18.1-8

### A Parábola da Viúva Importuna

O próprio Senhor Jesus explica o objetivo desta parábola. Citando as palavras de um antigo teólogo: *“A chave está pendurada na porta”*. *“Disse-lhes Jesus uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer.”* Temos de lembrar que esta parábola está intimamente ligada à solene doutrina do segundo advento, com a qual findou o capítulo anterior. Jesus está insistindo com seus discípulos que mantenham o hábito de orar sem desfalecer, durante o longo e enfadonho intervalo entre o primeiro e o segundo advento. É nesse intervalo que estamos agora. Este assunto deve receber especial interesse de nossa parte.

Primeiramente, estes versículos nos ensinam a grande importância da perseverança na oração. Nosso Senhor transmitiu essa lição ao contar a história de uma viúva desamparada que obteve justiça de um magistrado ímpio, por meio de importunação resoluta. *“Bem que eu não temo a Deus, nem respeito a homem algum”*, disse o juiz injusto, *“todavia, como esta viúva me importuna, julgarei a sua causa, para não suceder que, por fim, venha a molestar-me”*. Nosso Senhor mesmo ofereceu a aplicação da parábola: *“Considerai no que diz este juiz iníquo. Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los?”* Se a importunação obteve tamanha resposta de um homem ímpio, quanto mais os filhos de Deus obterão, por meio dela, resposta do justo Juiz, seu Pai, que está nos céus!

O assunto sobre a oração sempre deve ser interessante para os crentes. A oração é a própria respiração do verdadeiro crente. O cristianismo autêntico começa e floresce na prática da oração; ou decai na falta dela. A oração é uma das primeiras evidências da conversão (Atos 9.11). Negligenciar a oração é ficar vulnerável à queda no pecado (Mateus 26.40, 41). Qualquer fator que esclareça o assunto da oração contribui para a saúde de nossa alma.

Devemos gravar profundamente em nosso coração o fato de que é mais fácil criarmos o hábito de orar do que preservá-lo. O temor da morte, algumas ferroadas momentâneas na consciência ou alguns sentimentos de entusiasmo podem levar uma pessoa a começar a orar. Mas perseverar em oração exige fé. Somos propensos a sentir cansaço e a aceitar a sugestão de Satanás: *“Não há qualquer proveito na oração”*. Então chega a hora em que precisamos recordar em detalhes as palavras da parábola. Precisamos lembrar que nosso Senhor ensinou-nos expressamente a *“orar sempre e nunca esmorecer”*.

Já sentimos uma inclinação íntima para orar apressadamente, encurtar nossas orações, ser negligentes quanto às nossas orações ou evitá-las completamente? Estejamos certos de que, se isto acontece conosco, tal inclinação é uma tentação proveniente de Satanás. Ele está procurando enfraquecer e destruir a fortaleza de nossa alma e nos levar ao inferno. Resistamos à tentação, lançando-a para longe de nós. Resolvamos orar com determinação, paciência e perseverança, jamais duvidando que ela nos faz bem. Ainda que a resposta demore

a vir, continuemos orando. Embora nos custe muito sacrifício e renúncia, permaneçamos a “orar sempre”, a orar “sem cessar” (1 Tessalonicenses 5.17) e perseveremos “na oração” (Colossenses 4.2). Protejamos nossas mentes com as verdades da parábola e, enquanto vivermos, separemos tempo para orar.

Estes versículos nos ensinam que Deus tem um povo eleito, que desfruta de seu cuidado especial. O Senhor Jesus declarou que “*fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite*”; e continuou: “*Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça*”.

A eleição é uma das verdades mais profundas ensinadas nas Escrituras. É citada com clareza e singularidade no décimo sétimo artigo da Igreja Anglicana. A eleição é “*o eterno propósito de Deus, pelo qual, antes da fundação do mundo, Ele decretou por seu conselho, oculto para nós, libertar da maldição e condenação aqueles que da humanidade Ele escolheu em Cristo e trazê-los por intermédio de Jesus à eterna salvação*”. O testemunho é verdadeiro; é “*linguagem sã e irrepreensível*” (Tito 2.8).

A eleição é uma verdade que deve produzir louvores e ações de graça em todos os verdadeiros crentes. Se Deus não os tivesse escolhido e chamado, jamais eles teriam escolhido e seguido a Deus. Se Deus não os tivesse escolhido de acordo com o beneplácito de sua vontade, sem levar em conta qualquer bondade que havia neles, jamais haveria neles qualquer coisa que os tornaria dignos da escolha divina. As pessoas incrédulas, de mentalidade mundana, injuriam a doutrina da eleição. Os falsos mestres insultam-na e “*transformam em libertinagem a graça de nosso Deus*” (Judas 4). Mas o crente que conhece seu próprio coração sempre bendirá a Deus pela eleição. Confessará que sem ela não haveria salvação.

Mas, quais são as marcas da eleição? Por meio de quais indícios alguém pode saber que é um eleito de Deus? Essas marcas estão delineadas com clareza nas Escrituras. A eleição está unida de maneira inseparável à fé em Cristo e à conformidade com sua imagem (Romanos 8.29-30). Somente quando Paulo contemplou a “*operosidade*” da fé, a “*abnegação*” do amor e a “*firmeza*” da esperança dos tessalonicenses, ele pôde reconhecer a eleição deles (1 Tessalonicenses 1.3-4). Acima de tudo, temos um indicativo da eleição na passagem que estamos considerando. Os eleitos de Deus “*a ele clamam dia e noite*”. Eles são um povo que ora. Sem dúvida, existem pessoas cujas orações são formais e hipócritas. Mas uma coisa é muitíssimo evidente: uma pessoa que não ora nunca pode ser chamada de um dos eleitos de Deus. Jamais esqueçamos isso.

Por último, estes versículos nos ensinam que a fé verdadeira será muito escassa na época do fim do mundo. O Senhor Jesus fez uma pergunta solene: “*Quando vier o Filho do homem, achará, porventura, fé na terra?*”.

É uma pergunta sobremodo humilhante. Ela nos mostra a inutilidade de esperar que todo o mundo se converta antes que Cristo venha novamente. Expõe a tolice de supor que todas as pessoas são boas e de imaginar que, embora discordem nas coisas exteriores, tudo está correto em seus corações e que, por fim, todas irão para o céu. Tais ideias não encontram apoio na passagem que estamos considerando.

Que vantagem existe em ignorar os fatos que contemplamos com nossos próprios olhos - no mundo, na igreja, na congregação a qual pertencemos, na vizinhança e em nossas próprias casas? Onde podemos ver a fé verdadeira? Quantos ao nosso redor realmente creem nas verdades da Bíblia? Quantas pessoas vivem como se cressem que Cristo morreu pelos seus pecados e que haverá um julgamento final, um céu e um inferno? Estas são perguntas sérias e difíceis, mas exigem e merecem uma resposta.

Nós mesmos temos fé? Se temos, adoremos a Deus por meio dela. É algo estupendo crer em toda a Bíblia. Podemos agradecer diariamente a Deus se reconhecermos nossos pecados e confiarmos verdadeiramente em Jesus.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?